

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JÚLIA LARISSA SILVEIRA DA SILVA

RELATÓRIO FINAL

PROGRAMA	<input type="checkbox"/> PIBITI	<input type="checkbox"/> Fundação
DE IC:	MODALIDADE:	Araucária
<input checked="" type="checkbox"/> PIBIC	<input type="checkbox"/> CNPq	<input checked="" type="checkbox"/> Voluntária
<input type="checkbox"/> PIBIC Af	<input type="checkbox"/> UFPR TN	
<input type="checkbox"/> PIBIC EM		

**A CASA DE REZA DA ALDEIA GUARANI *MBYÁ* TEKOA TAKUATY:
EXPERIÊNCIAS DE MUTIRÃO DO PROJETO ORIGEM**

Relatório apresentado à Coordenação de Iniciação Científica e Tecnológica da Universidade Federal do Paraná como requisito parcial da conclusão das atividades de Iniciação Científica ou Iniciação em desenvolvimento tecnológico e Inovação - Edital 2021
Orientador(a): Prof.(a). Marina Milani Oba
Título do Projeto: A Casa de Reza da aldeia Guarani *Mbyá* Tekoa Takuaty: experiências de mutirão do Projeto Origem

CURITIBA

2022

RESUMO

O trabalho a seguir trata da Casa de Reza guarani, Opy, dentro da configuração da aldeia Guarani Mbyá Tekoa Takuaty, no município de Paranaguá, litoral paranaense. Através de experiências de mutirões de construção, organizados pelo Projeto Origem, se constroem as casas de reza da nova aldeia. Tais experiências serão analisadas através de uma lente etnográfica, compreendendo a presença Guarani Mbyá tanto na escala macro do estado, quanto na escala micro da Ilha da Cotinga, baseando uma pesquisa exploratória baseada em revisão bibliográfica e relatos orais, além da vivência pessoal no território da Tekoa Takuaty. Serão tratadas três principais vivências presenciais, datando do começo de 2020 até 2022 - dois acampamentos voltados para a construção das duas casas de reza tratadas e uma visita técnica para mapeamento, com uma equipe de arquitetos e estudantes de arquitetura da UFPR. A investigação procura compreender a relação da vivência da tribo e sua relação com a Casa de Reza e sua arquitetura; estruturando-se na questão do surgimento e composição do território da Tekoa, levantando o território de acordo com as construções da aldeia. As vivências do local e interações com a liderança, moradores e moradoras permitem uma criação de um material ainda inexistente, visto o quão recente a aldeia é.

Palavras-chave: cultura Guarani Mbyá; Casa de Reza; Opy; aldeia indígena; Tekoa Takuaty;

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Materiais ritualísticos da <i>Opy</i> da <i>Tekoa Takuaty</i>	4
Figura 2: foto da <i>Opy</i> recém embarrada	5
Figura 3: Mapa da zona rural de Paranaguá e das comunidades insulares rurais do município	10
Figura 4: Interação com uma criança indígena	14
Figura 5: entrada da aldeia	17
Figura 6: área do agrupamento	18
Figura 7: primeira <i>Opy</i> da aldeia	22
Figura 8: nova casa construída, sem embarramento	22
Figura 9: conversa com o vice cacique (em vermelho) com a equipe	23

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	3
2. REVISÃO DE LITERATURA	3
OPY, A CASA DE REZA GUARANI	3
3. PRESENÇA INDÍGENA NO PARANÁ	6
2.1. POPULAÇÃO GUARANI MBYÁ NA ILHA DA COTINGA	8
4. MATERIAIS E MÉTODOS	10
5. VIVÊNCIAS NA TEKOA TAKUATY	10
5.1. Vivência 1 - 14.03.2020 - 15.03.2020	11
5.2 Vivência 2 - 12.02.2022 - 13.02.2022	15
i. objetivo	15
ii. atividades	15
iii. legado	18
5.3. Vivência 3 - 07.05.2022	19
i. objetivo	19
ii. atividades	19
6. CONCLUSÃO E RESULTADOS FINAIS	21

1. INTRODUÇÃO

A aldeia *Tekoa Takuaty* é uma aldeia Guarani *Mbyá* localizada na Ilha da Cotinga, na cidade de Paranaguá, Paraná. O trabalho a seguir tem como objetivo compreender a cultura dos indígenas da aldeia utilizando-se do princípio da etnografia e cruzando com uma pesquisa teórica sobre a cultura e arquitetura dos Guarani *Mbyá*, analisando uma pequena parte da vivência com os indígenas em três diferentes ocasiões, entre os anos de 2020 e 2022.

2. REVISÃO DE LITERATURA

OPY, A CASA DE REZA GUARANI

De acordo com Assis (2006, p. 45), a *Opy* é a casa ritual onde ocorrem os rituais xamanísticos dos *Mbyá*, sendo a centralidade do espaço de vida *Mbyá*. A *Opy* é construída em um local mais reservado da aldeia Guarani *Mbyá* pois precisa ser protegida de interesses externos e curiosidade. Do ponto de vista arquitetônico, é bastante semelhante às outras construções, diferindo-se apenas pelo maior porte para acomodar todos aqueles que participam dos rituais. Para Assis (2006, p. 158) A *Opy* é entendida como um espaço coletivo e sintetizador do grupo local. Esta perspectiva da casa ritual como uma síntese da comunidade ajuda a compreender a dedicação para que sua construção se proceda também de modo coletivo.

Segundo Costa (2019, p. 19), a aldeia é o local onde o modo de ser Guarani pode ser ensinado e aprendido, ela é construída em conjunto com as pessoas em seus processos de habitar e de estar junto. A aldeia é *Tekoa*, uma forma específica de pensar e de habitar o território, a *Opy* é central na cosmologia Guarani e, portanto, fundamental para entendermos seu modo de ser. É na Casa de Reza que se encontra a intimidade da aldeia.

Conforme Menezes e Richter (2014) a *Opy* é tida como a “universidade” dos Guarani e a aldeia como lugar de educação coletiva na qual cada um pode encontrar o melhor de si mesmo através da dança, do canto, da reza, entram em contato com

o *petyngua*, com *Nhanderú*, com o fogo, a fumaça, o som, a escuridão, a terra, as pessoas, Deus.

Segundo Assis (2006, p. 151), a estrutura arquitetônica da *Opy* é composta de quatro paredes, um telhado de duas águas e sem divisões internas. As paredes são de pau-a-pique, o telhado é coberto, na maioria das vezes, por feixes de taquara batidos. As paredes e o telhado são sustentados por, pelo menos, cinco esteios. Quatro nos cantos das paredes e um esteio central. Possui apenas uma porta de entrada, com uma altura de aproximadamente um metro e meio, dimensão projetada com a intenção de fazer o corpo se curvar ao entrar ou sair. Em seu interior o chão é preparado com um contrapiso de argila grossa e sobre o mesmo um piso de argila fina. O maior cuidado com o chão é para que ele fique compacto e mais alto que o nível do piso externo, para evitar a penetração de água das chuvas. Algumas *Opy* possuem uma pequena janela na parede do fundo. Segundo as premissas cosmológicas, a disposição espacial da *Opy* deve ser com a porta direcionada para o oeste e a janela para o leste. Esta orientação obedece ao caminho que *Kuaray/sol* (uma das principais divindades do panteão *Mbyá*) faz no céu.

Assis (2006, p. 5) afirma que no altar colocado junto às Casas de Reza, há objetos que representam de alguma forma aspectos culturais do grupo. Entre eles se encontra um tronco de madeira talhada que comporta a água utilizada no *Nhemongarai*, o batismo Guarani. A madeira é o cedro, que simboliza a saúde, para que a criança batizada não sofra com as doenças durante sua vida. O *mbaraka mirim*, um chocalho, é também componente necessário para as cerimônias religiosas.

Os objetos rituais no interior da *Opy*, além de serem um suporte material que viabiliza a relação dos homens com a esfera divina, também simbolizam alguns aspectos relacionados à dinâmica e à organização social do grupo. Alguns objetos simbolizam o feminino e o masculino, assim como sua complementaridade; simbolizam os papéis sociais de cada um e configuram uma representação [...] do que é o mundo divino que aspira alcançar (ASSIS, 2006, p. 182).

Figura 1: Materiais ritualísticos da *Opy* da *Tekoa Takuaty*.



Fonte autoral. 2022.

Assim como as outras construções da aldeia, a Casa de Reza é de pau-a-pique. De acordo com LOPES (1998, p. 2),

“A taipa de mão é um sistema construtivo artesanal, fundamentado no emprego combinado de materiais abundantes na natureza, madeira e terra, conhecidos e utilizados secularmente pela humanidade, com a finalidade de resolver os problemas de moradia. É também conhecida por taipa de sopapo, tapona, enchimento, estuque, barro armado ou pau-a-pique.”

O processo de construção segue as seguintes etapas

1) Preparação do terreno

O terreno é carpido e nivelado. Para as casas, normalmente é a família (adultos e crianças) que faz esse processo ao longo dos dias.

2) Estrutura de madeira

A estrutura da casa de pau-a-pique é feita com madeira. Se faz a estrutura das paredes e do telhado com toras de árvores da ilha, cortadas pelos indígenas.

3) Entramado

É feito um painel feito para suportar a mistura de barro e terra que compõem a parede. Os componentes são barrotes (madeiras mais grossas postas na vertical) e varas (bambu posto na horizontal), amarradas com cipós. Em alguns barrotes, é possível ver parafusos, firmando os bambus na estrutura, para que facilitasse o processo de amarração.

4) Embarramento

É feito uma mistura de barro com água, amassada com os pés para obter a consistência correta para preencher os vãos do painel da parede. É retirada a camada mais superficial do solo, pois é excessivamente arenosa, deixando exposta a porção mais argilosa. Essa mistura é arremessada e assentada na parede. O tempo de cura do barro depende do clima, mas normalmente é de 3 dias.

Esse processo é repetido a cada 2 ou 3 anos, de acordo com a demanda e com a situação do barro. A construção em si tem uma vida útil de 6 a 10 anos, de acordo com a frequência de uso.

5) Cobertura

A Casa de Reza antiga foi coberta com palha, mas não é a mais duradoura. Em outras construções, se utiliza a telha de bambu, feita pelos próprios moradores. Mas na nova Casa de Reza, serão utilizadas telhas eternit recicláveis.

Figura 2: foto da *Opy* recém embarrada.



Fonte: A autora. 2020.

2. PRESENÇA INDÍGENA NO PARANÁ

O censo de 2010 do IBGE indicou a presença de 896.917 pessoas declaradas indígenas, correspondendo a aproximadamente 0,4% da população brasileira (IBGE, 2012). Atualmente no Estado do Paraná existem três etnias indígenas: Xetá, Kaingangs e Guaranis. Os indígenas Xetá, grupo pertencente à família linguística tupi-guarani, são habitantes originais do Noroeste do Paraná; seu território tradicional, conhecido como Serra dos Dourados, está localizado no atual município de Umuarama. Já os Kaingangs, pertencentes à família Jê, tem seu território que ultrapassa os limites do estado do Paraná, se encontram desde o Rio Grande do Sul (RS) até o estado de São Paulo (ISA, 2020). Os Guaranis, por sua vez, se subdividem em três grupos, *Kaiowá*, *Mbyá*, *Ñandeva*, e são da família linguística tupi-guarani e seu território ultrapassa as fronteiras brasileiras.

Os Xetás eram considerados caçadores-coletores seminômades, percorriam a mata em busca de alimentos para sobrevivência. Atualmente, existem cerca de 200 indígenas Xetá vivendo em diferentes localidades (Leite, 2017), entre cidades e

aldeias, porém não existe ainda nenhuma reserva indígena específica daquela etnia. Os Kaingang são um dos povos indígenas mais populosos, sendo que correspondem a aproximadamente 50% dos falantes da família linguística do grupo Jê.

Os Guarani são um povo que habita países da América do Sul, como Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai e Uruguai; no Brasil, se entendem do estado do Espírito Santo até o Rio Grande do Sul. Em 2005, a população no continente foi estimada em quase 95 mil habitantes. A população Guarani se divide em 3 subgrupos, de acordo com variações linguísticas e culturais: *Mbyá*, *Nhandeva* e *Kaiowá*. Os *Kaiowá* estão na região central do Paraguai e região sul do Mato Grosso do Sul; *Nhandeva* estão também no Paraguai, entre os rios Jejuí Gazu, Corrientes e Acaray, No Brasil estão no Mato Grosso do Sul, interior dos estados de São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e no litoral de Santa Catarina.

Os *Mbyá* estão presentes em várias aldeias na região oriental do Paraguai, no nordeste da Argentina (na província de Misiones) e no do Uruguai (nas proximidades de Montevideo). No Brasil encontram-se em aldeias situadas no interior e no litoral dos estados do sul – Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul – e em São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo em várias aldeias junto à Mata Atlântica. Também na região norte do país encontram-se famílias *Mbyá* originárias de um mesmo grande grupo e que vieram ao Brasil após a Guerra do Paraguai, separaram-se em grupos familiares e, atualmente, vivem no Pará (município de Jacundá), em Tocantins numa das áreas Karajá de Xambioá, além de poucas famílias dispersas na região centro-oeste. No litoral brasileiro suas comunidades são compostas por grupos familiares que, historicamente, procuram formar suas aldeias nas regiões montanhosas da Mata Atlântica - Serra do Mar, da Bocaina, do Tabuleiro, etc. (cf. Ladeira, 1992).

São os *Mbyá*, dentre os grupos Guarani, que vêm ocupando com continuidade áreas no litoral Atlântico. Além do motivo comum – a busca da terra sem mal (*yvy marãey*), da terra perfeita (*yvyju miri*), o paraíso onde para se chegar é preciso atravessar a ‘grande água’ - , o modo como os grupos familiares traçam sua história através das caminhadas, recriando e recuperando sua tradição num ‘novo’ lugar, faz com que sejam portadores de uma experiência de vida e de sobrevivência também comuns (Ladeira, 1992).

Com base na historiografia colonial, o povo Guarani histórico era cultivador de milho. Foi construído um discurso de que os *Mbyá* são nômades, estrangeiros; isso visa deslegitimar o protagonismo indígena sobre a busca de seus direitos humanos e dentro de disputas fundiárias. Os Guaranis realizam a *oguata porã*, a “caminhada perfeita” que é parte fundamental da sua vida cultural e identidade étnica.

Segundo LADEIRA (2001), o *Mbyá* é um dos dialetos do idioma Guarani, que pertence à família Tupi-Guarani, do tronco linguístico Tupi. As variações na linguagem são observadas na pronúncia e nas sílabas tônicas (a maioria das palavras guarani é oxítone), mas sobretudo no vocabulário e na sintaxe, de acordo com sistemas culturais próprios dos falantes da língua Guarani. Além da linguagem usual (*ayvu*), os *Mbyá* conservam uma linguagem ritual, extremamente elaborada, *ayvu porã*, expressão traduzida por “belas palavras”, revelada pelas divindades aos dirigentes espirituais e pronunciada em ocasiões especiais.

2.1. POPULAÇÃO GUARANI *MBYÁ* NA ILHA DA COTINGA

Segundo relatos de Vera Mirim, entrevistado por Moysés Paciornik em 1991, os primeiros a chegarem na ilha da Cotinga, aproximadamente em 1977, foram Salvador e Zoberata da Silva, seus pais. “Minha mãe veio primeiro. Gostou. Chamou os filhos. Disse que aqui em cima quase não vem ninguém, não temos incomodação. Vivemos felizes. Temos o que queremos, temos paz.”. Aos poucos, foram chegando mais famílias, vindas de Santa Catarina, atraídas pelo fato de não precisarem dividir terras com outras etnias. O território indígena é formado por duas ilhas, Cotinga e Rasa da Cotinga, que se localizam na baía de Paranaguá. Foi identificada em 1993 e homologada no final de 1953 (Ladeira, 1997). A Funai considerou a área de terra tradicional. O nome da atual ilha da Cotinga era primeiramente Jacutinga; Ladeira (1990) refere ter obtido informações com habitantes mais antigos de que o termo jacu refere-se a uma ave e Cotinga era uma árvore de frutos silvestres que se encontrava na ilha. O termo Jacutinga teria sido abreviado por Cutinga e, posteriormente, por Cotinga.

O primeiro cacique/pajé da aldeia fundada na ilha da Cotinga foi Hilário, primo de João da Silva. Este o sucedeu e foi substituído pelo primo-irmão de Hilário, Cristino que, nos últimos anos, dividiu seu papel de pajé com Faustino, considerado pela comunidade o “pajé oficial”, até sua transferência para a aldeia de Guaraqueçaba, no final de 2005. Isso ocorreu por conflitos internos e também a convite dos moradores da aldeia de Guaraqueçaba que ainda não tinham pajé e cujas crianças tinham muitos problemas de saúde. O irmão de Cristino, Sebastião, e a sobrinha, Isolina, também são pajés.

Até 1984, os moradores da Cotinga se mantiveram o quanto possível afastados dos não-índios e da Funai. Em 1984, o *Mbyá* Guarani Haroldo Eugênio, que morava na Cotinga contatou a Funai, pois, de acordo com ele, aquele era o momento certo da Funai devido a maior necessidade de assistência médica, de alimentos e de uma infraestrutura adequada ao atendimento de tanta gente que ia chegando. Então, os funcionários da Funai entraram em contato com eles e procuraram entender por que tinham deixado suas terras. Entretanto, houve conflito com os Guaranis e com os brancos - segundo João da Silva, a própria Funai não entende os valores que envolvem a ocupação da terra dos *Mbyá*, pois os vêem como um povo andarilho. Ter uma terra é vital para praticar seu jeito de ser, mas não é qualquer terra, precisa ser um **tekoa**, espaço sociopolítico que “produz ao mesmo tempo relações econômicas, relações sociais e organização político religiosa essenciais para a vida Guarani”. (MELIÀ *et al.*, 2004, p. 21).

Antes de se mudarem para um local, um dos critérios estabelecidos é a existência da presença dos ancestrais, como fizeram os pais de João da Silva. Eles constataram o sossego do local, alguma distância dos não-índios, a terra próxima da água e os vestígios dos ancestrais nos ossos que estariam sob a igreja construída perto da aldeia.

A Ilha da Cotinga e a Ilha Rasa da Cotinga foram homologadas e demarcadas conforme o Decreto Federal de 16 de maio de 1994 como terra indígena em 1994, com superfície total de 1701 ha e perímetro de 41.895,73m, área localizada no Município de Paranaguá. Sua Jurisdição Legal está dentro do domínio da Mata Atlântica. A demarcação administrativa da TI promovida pela Fundação Nacional do Índio – FUNAI é caracterizada como de posse tradicional indígena pertencente ao grupo indígena *Mbyá* Guarani. As ilhas estão localizadas a 2 km a leste de

Paranaguá, em frente à foz do Rio Itiberê, faixa litorânea paranaense, localizada a leste da Serra do Mar.

Figura 3: Mapa da zona rural de Paranaguá e das comunidades insulares rurais do município.



Fonte: IBGE 2010. Mapa produzido por Luiza Natalino.

Atualmente existem duas aldeias na Ilha da Cotinga, a *Tekoa Pindoty* e a *Tekoa Takuaty*. Juliana Kerexu, cacique da segunda aldeia, nasceu na *Tekoa Pindoty*, mas em 2018 decidiu fundar sua própria aldeia para que assim conseguisse fundamentar suas crenças pessoais, sociais e políticas. Inicialmente, foram pouquíssimas famílias, mas a nova aldeia continua a se expandir com o acolhimento de novas famílias. Isso cria novas demandas, inclusive demandas espaciais. O território da *Tekoa Takuaty* está em expansão e novas casas são construídas frequentemente.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa realizada se caracteriza como uma pesquisa exploratória baseada em revisão bibliográfica, relatos orais e vivências pessoais no território da aldeia Guarani *Mbyá* Tekoa Takuaty. A metodologia escolhida é a abordagem etnográfica, focando principalmente no estudo da cultura Guarani *Mbyá* e como a arquitetura segue os padrões culturais. Alguns dos princípios da pesquisa etnográfica utilizados nesse artigo são: pesquisa de campo, indução e holismo.

A análise parte da problemática da estruturação do território da Tekoa Takuaty, que é um assentamento guarani recente; o material existente sobre é escasso, visto que a aldeia teve a maior parte de seu crescimento e desenvolvimento no período pandêmico e pós-pandêmico. O objetivo deste artigo é realizar um levantamento do território da Tekoa Takuaty e relacionar com uma das principais construções da cultura Muarani, a *Opy*, através de vivências no local e interação com liderança, moradores, moradoras e apoiadores.

4. VIVÊNCIAS NA TEKOA TAKUATY

Durante os anos de 2020 e 2022, foram realizadas 3 visitas a *Tekoa Takuaty*. Uma em 2020, para o projeto de construção da primeira casa de reza; duas em 2022, uma para o projeto da nova casa de reza e outra para reconhecimento do território e mapeamento. As visitas permitiram conhecer seus habitantes e seu espaço, além de oferecer um maior entendimento sobre as dinâmicas da Aldeia. Cada uma delas ajudou a estruturar um conhecimento sobre os modos Guarani *Mbyá*.

4.1. Vivência 1 - 14.03.2020 - 15.03.2020

i. objetivo - BET

O Projeto Origem é uma organização sem fins lucrativos com o intuito de apoiar, fortalecer e difundir o re-existir das comunidades indígenas da Região Sul do Brasil através da Fotografia, da formação de redes de solidariedade e reciprocidade, da pesquisa ética, engajada e sustentável. Os principais participantes são a pesquisadora socioambiental Nathalia Sibuya, a fotógrafa Bruna Kamaroski e o idealizador/fotógrafo Juan Schenone.

Particpei de duas visitas a Tekoa Takuaty, ambas organizadas pelo Projeto Origem. Entrei em contato com o grupo de apoio da aldeia Guarani *Mbyá Tekoa Takuaty*, em fevereiro de 2020. Algumas semanas depois, surgiu a

oportunidade de participar de um curso de biosaneamento – finalização da construção do "banheiro" – e de bioconstrução – finalização da primeira casa de reza da aldeia. O curso foi oferecido por Luiza Natalino como parte de sua dissertação de mestrado em Engenharia Ambiental para a Universidade Federal do Paraná.

O foco principal foi a construção de uma bacia de evapotranspiração para atender (parcialmente) as necessidades da aldeia, que até o momento não possuía nenhuma forma de saneamento. Segundo o Portal de Saúde do Governo do Paraná, a Bacia de Evapotranspiração, conhecida popularmente como “fossa de bananeiras”, é um sistema fechado de tratamento de água negra, aquela usada na descarga de sanitários convencionais. Este sistema não gera nenhum efluente e evita a poluição do solo, das águas superficiais e do lençol freático. Nele os resíduos humanos são transformados em nutrientes para plantas e a água só sai por evaporação, portanto completamente limpa.

O grupo de participantes era constituído por alunos de engenharia ambiental, arquitetura e psicologia, além das mais diversas profissões, como artistas, fotógrafos e professores universitários. A dissertação foi feita por Luiza Natalino em 2021, no curso de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental, Setor de Tecnologia, Universidade Federal do Paraná, com título de Implantação de Tecnologia Descentralizada de Tratamento de Efluentes para Comunidade Tradicional do Município de Paranaguá. A aldeia guarani *Tekoa Takuaty* foi escolhida para o local de aplicação da Bacia de Evapotranspiração pois era o local de maior déficit em esgotamento sanitário, pois o único banheiro existente ligava-se a uma fossa rudimentar utilizada por 26 usuários diariamente.

ii. atividades

Através de um grupo no Whatsapp, foi organizado o mutirão. Arrecadou-se um valor suficiente para os materiais de construção, transporte e alimentação. Finalmente, na manhã do dia 14 de fevereiro de 2020, partimos no primeiro ônibus do dia para Paranaguá, cidade portuária localizada no litoral do Paraná. Chegamos às 8h30 na rodoviária de Paranaguá. A aldeia está localizada na Ilha da Cotinga e só é possível acessá-la através de barcos fretados ou voadeiras. É uma viagem curta, de no máximo 20 minutos. Por serem barcos de porte pequeno, foi necessário

fazer algumas viagens para conseguir levar todo o grupo (cerca de 40 pessoas) e as bagagens.

Devido ao horário, a maré se encontrava baixa - o mangue que oferece um menor trajeto estava seco, o que forçou o meu grupo a seguir a trilha mais comprida. Descarregamos a voadeira na margem da entrada da trilha; a praia ali é calma, com várias pedras e uma areia enlameçada. A trilha até a aldeia é árdua, com vários trechos íngremes, com raízes salientes no caminho, vegetação fechada e curvas sinuosas. A mochila e a barraca pesavam ainda mais, o esforço até chegar no nosso destino foi grande; foram cerca de 20 minutos de caminhada até a entrada da Tekoa.

Após o trajeto de mata fechada, há uma grande clareira, delimitada por um bambuzal, a encosta de um morro e a antiga casa da cacique Juliana Kerexu. No centro desse espaço havia uma fogueira com bancos ao redor e uma dúzia de barracas. Meu grupo foi o último a chegar, montamos as nossas barracas nos espaços que sobraram e nos reunimos com o restante dos participantes para discutirmos o planejamento para os próximos dois dias enquanto tomávamos café da manhã.

Figura 4: Interação com uma criança indígena.



Fonte: A autora, 2020.

Luiza, a coordenadora do curso, e Juliana Kerexu, a cacique, nos deram as boas vindas em uma curta roda de conversa. Realizamos uma breve meditação para entrarmos em sintonia com o trabalho e com nossos colegas. No fim desse papo, nos foi passada a programação: a maior parte do grupo trabalharia no embarramento da Casa de Reza no primeiro dia, enquanto um pequeno grupo terminaria a estrutura da Bacia de Evapotranspiração (também conhecida como BET ou banheiro); eu fiquei no grupo encarregado pela vedação da Casa de Reza.

A *Opy* consistia em uma pequena estrutura de bambu, com barras verticais e horizontais, amarradas com cipó e uma pequena abertura para entrada e saída. As medidas aproximadas são 2,50m de altura, 3,50m de largura e 5m de comprimento.

Tais medidas reduzidas davam conta da demanda inicial da aldeia, que contava com poucas famílias. O objetivo do primeiro dia era embarrar as paredes. Para isso foram realizadas três operações: aplainar o terreno ao redor para obter a terra argilosa com enxadas e pás; misturar a terra com água para formar o barro com os pés; aplicar o barro na trama por dentro e por fora, garantindo que tudo esteja bem vedado. Todo esse processo se estendeu até o próximo dia, tendo rotação de grupos. O trabalho é extremamente cansativo, principalmente nas horas de sol alto, mas a dinâmica em grupo foi divertida. Flávio *Karaí* (vice-cacique e marido da Juliana) e Ricardo *Wera* (filho da Juliana) nos acompanharam nesse processo, nos mostrando a maneira certa de arremessar o barro e nos guiando e supervisionando.

Antes de começar a anoitecer, comemos a janta que as mulheres da aldeia fizeram para nós: arroz, feijão, salada, legumes e xipá, uma massa frita feita com farinha água e sal. Rose *Yva'i*, filha da Juliana Kerexu, era a maior encarregada das nossas comidas. Jantamos em grupo e depois nos organizamos para tomar banho. Depois de um árduo dia de trabalho, nos reunimos ao redor da fogueira para mais uma roda de conversa, com cantos e histórias.

No dia seguinte, fui a primeira a levantar e Luiza logo saiu da sua barraca. Ficamos conversando e pude tirar diversas dúvidas sobre o projeto - ela entrou em contato com a cacique Kerexu em 2019, logo no começo da aldeia. Foram meses de preparação e semanas de construção para chegar no estado que estávamos vendo. O processo de construção foi difícil devido ao acesso restrito à aldeia - para carregar centenas de tijolos e dezenas de pneus, sacos de brita, cimento e areia para a base, foi usado apenas um carrinho de mão e muitos braços. Além de tudo isso, tiveram chuvas torrenciais, o que atrasou o progresso do projeto.

No segundo dia, o foco principal foi a construção da BET - posicionamos os pneus e colocamos as camadas de tijolo e brita, que formavam a câmara anaeróbica para o processamento da água preta vinda do banheiro próximo. Simultaneamente, um grupo arrumava o encanamento do banheiro, enquanto outro pintava as paredes de alvenaria com tinta ecológica feita de barro. O almoço do segundo dia foi igual à janta do primeiro dia, sendo composta por arroz, feijão, vegetais, salada e xipá.

Como finalização, tivemos uma última roda de conversa com a cacique. Ela fumava *petyngué* e fez outra meditação. Todos nós falamos um pouco de nossa experiência nos últimos dois dias e agradecemos o acolhimento da Kerexu e de sua família.

Eu e um pequeno grupo saímos rapidamente da aldeia devido ao horário dos nossos ônibus.

A primeira casa de reza foi suficiente para as demandas da aldeia em um momento inicial, no qual não haviam muitas famílias no território. Entretanto, ao longo da pandemia e agora no período pós-pandêmico, surgiu a necessidade de uma casa de reza maior, visto que houve a migração de algumas famílias para a aldeia. Por exemplo, no começo de fevereiro de 2022, chegaram algumas famílias de uma aldeia no estado de São Paulo, o que aumentou significativamente o número de habitantes da *Tekoa*. Por isso, no começo do mesmo mês, foi lançado o projeto para a segunda casa de reza, que será construída em diversos mutirões.

iii. Legado

Após os dois dias de trabalho na aldeia, a Casa de Reza foi embarrada, sendo necessária a secagem do barro e a correção de algumas rachaduras após a secagem. A Bacia de Evapotranspiração não foi concluída, mas a parte de construção civil e encanamento foi finalizada. Ainda era necessário depositar a terra e plantar as bananeiras em cima da área, além de ajustar os medidores de pvc, importantes para a pesquisa de Luiza.

4.2 Vivência 2 - 12.02.2022 - 13.02.2022

i. objetivo

Com o passar do tempo, diferentes famílias de outras aldeias migraram para o território da *Tekoa Takuaty* por diversos motivos. Isso criou uma demanda para um espaço comunitário maior, além de aumento na quantidade de moradias. Por isso, foi criado o segundo mutirão para construção da *Opy*.

ii. atividades

O Projeto Origem, juntamente com a engenheira ambiental Luiza Natalino e a antropóloga e cozinheira Naomi Mayer, organizou esse evento. Ele foi consideravelmente menor do que o primeiro, com cerca de 20 participantes, por motivos de organização e de pandemia. Um dos pedidos dos organizadores foi o uso de máscara em momentos de interação com o grupo ou com os nativos, para evitar qualquer desventura.

Foi feito um esquema de caronas dessa vez, o que foi possível pela quantidade reduzida de participantes. No meu grupo de carona, fomos em 4 e com vários alimentos - saímos daqui de Curitiba perto das 6 horas da manhã. A viagem foi calma, chegamos no Mercado de Paranaguá às 7:30h. O encontro com os outros grupos aconteceu perto da estátua de Iemanjá, às 9 da manhã. Enquanto esperávamos, tomamos café dentro do mercado e conversamos um pouco.

O objetivo do mutirão era iniciar a obra da casa de reza, portanto as operações realizadas eram básicas - carregar as telhas ecológicas, feitas de fibras de papel, do continente até a ilha, transportar as toras de estrutura de um lado da aldeia para o outro e aplainar a porção de terreno que será utilizada. O transporte até a aldeia foi feito em três momentos: dois grupos carregando as bagagens e o último carregando as telhas.

Fui na primeira viagem, com mais algumas mulheres. Levamos boa parte das malas conosco até a mesma praia que a primeira vez (a mais distante, pois a maré já estava baixa). Fomos recepcionados com uma dúzia de crianças da aldeia, alguns adolescentes e homens. Todas nós estávamos carregadas, mas rapidamente as crianças pegaram as sacolas e barracas e entraram alegremente na trilha, brincando e conversando em Guarani; apesar de pequenas, possuíam uma força surpreendente.

Figura 5: entrada da aldeia.



Fonte: A autora. 2022.

Chegamos na aldeia e logo armamos nossas barracas e organizamos nossos pertences. Conversamos, brincamos com as crianças e com os cachorros por um tempo, mas logo fomos ajudar o outro grupo a carregar as coisas. Mais uma vez, as crianças tomaram iniciativa e carregaram a maior parte das coisas. O terceiro grupo, composto pelos homens da viagem, demorou um pouco mais de tempo. Eles eram os responsáveis por carregar as telhas sustentáveis até a aldeia. Em pouca quantidade, não pesam muito; mas havia dezenas de telhas. Foi necessário passá-las da praia do porto para a voadeira, da voadeira para o mangue, do mangue para a beira. Apesar da maré estar baixa, eles preferiram empurrar o barco pelo mangue, pois a trilha é muito complicada para carregar tanto peso.

Figura 6: área do agrupamento.



Fonte: A autora, 2022.

Depois dos homens chegarem na aldeia, tivemos uma roda de conversa para apresentações e para discutirmos o cronograma. Nos dividimos em dois grupos: as mulheres e as crianças indígenas ficaram encarregadas de transportar as telhas do mangue até o terreno da casa de reza e os homens ficaram encarregados de transportar as grandes toras de madeira até o terreno. Primeiramente, os homens em conjunto levaram as três toras estruturas, cada uma com 30cm de diâmetro por 5m de comprimento de uma parte isolada, perto da BET, até a parte da casa de reza - ou seja, atravessando a aldeia. As mulheres e crianças ficaram com as telhas: o trajeto da beira do mangue até a casa de reza é longo, mas metade dele era possível fazer empurrando um carrinho de mão, o que facilitou o processo. Entretanto, a primeira porção era uma parte da trilha, com três partes bem íngremes e algumas pedras grandes no caminho, o que impedia a passagem do carrinho.

Nos organizamos da seguinte maneira: duas pessoas ficavam na beira do mangue, que era rebaixada em relação com a terra; duas pessoas ficavam no primeiro barranco perto do mangue e duplas ou indivíduos levavam as telhas até o carrinho, equilibrando-as na cabeça. A quantidade de telhas por vez variava muito: no começo, as duplas estavam carregando duas, mas o clima era quente e abafado, o que causava um cansaço enorme, portanto passamos a carregar apenas uma telha por dupla. A partir de certa altura na trilha, era possível carregar as telhas no carrinho, e com três ou quatro viagens elas foram depositadas no lugar adequado.

Ao escurecer, as pessoas mais próximas da cacique foram chamados para uma cerimônia particular muito importante. Todas as mulheres, brancas e indígenas que participaram, estavam de saia longa e um pequeno grupo se reuniu na atual casa de reza. O restante do grupo não participou diretamente da cerimônia, mas fomos convidados a ficar próximos da casa de reza em meditação, escutando os cantos e rezos. No total, foram 4 horas de cerimônia.

No dia seguinte, acordei cedo e fiquei sozinha meditando um pouco próximo a fogueira. Aos poucos, o restante do grupo foi acordando. O café da manhã foi bolinho de arroz com pimentão, fruta e café. Conversamos em grupo por um tempo e logo partimos para o segundo dia de trabalho - aplainar o terreno da casa de reza.

Utilizando picaretas, pás e enxadas, começamos a diminuir o desnível do terreno, que era de cerca de 50 cm. Além de ser um trabalho exaustivo, o sol ficava cada vez mais alto e cada vez mais quente. Depois dessa atividade, nós estávamos liberados para tomar banho e arrumar as nossas coisas enquanto o almoço era preparado. Troquei de roupa, guardei meus pertences e desmontei a barraca. Tivemos um almoço completo, com arroz, feijão, legumes, macarrão, xipá e um ensopado de galinha. Tivemos outra roda de conversa, mas essa foi voltada para as meninas e mulheres da aldeia - elas ganharam um calendário lunar, presente de um projeto para o empoderamento feminino. Em seguida, foram expostos os artesanatos e artefatos produzidos na aldeia - brincos, pulseiras, arco e flecha, animais entalhados em madeira, chocalhos, entre tantas outras coisas.

Para concluir nossas atividades, tivemos uma roda de conversa de despedida - compartilhamos nossos agradecimentos, nossas impressões, experiências e nossa paixão que nos uniu. Estar ali, compartilhando todas as dificuldades que o povo indígena enfrenta diariamente, vivenciando uma simplicidade material, mas uma riqueza de experiências, é algo muito profundo e nos une de um jeito indescritível.

Nutre a alma e mostra os nossos privilégios de um jeito que não se espera. São dois dias sem saneamento, sem água quente, sem eletricidade, sem internet, sem rede social, sem cama, sem luxos. Vivenciar a *Tekoa* é se desprender da “modernidade” - a água vem direto da nascente, há apenas uma placa de energia solar, portanto 60% do tempo não tem energia elétrica, não há rede de internet. É viver pelas pessoas, pela união, pela natureza, pelo subjetivo. O trabalho na aldeia exercita o corpo e a alma. É uma experiência imersiva que mostra a luta diária do indígena de viver dignamente; é pegar o mínimo e tirar o máximo.

iii. legado

Os produtos da segunda visita foram significativamente mais simples do que os da primeira, mas de importância equivalente. No final do fim de semana, havíamos transportado os materiais até a ilha e dentro da ilha, dividindo as tarefas de acordo com a necessidade. Começamos o trabalho de nivelamento do terreno da nova Casa de Reza, mas não conseguimos finalizar essa tarefa - recebemos a notícia no grupo da Aldeia que os homens haviam retomado o trabalho, mas que levaria tempo.

4.3. Vivência 3 - 07.05.2022

i. objetivo

A terceira vivência consistiu numa visita técnica e exploratória da aldeia, com uma equipe de professores, alunos e pesquisadores. A ideia principal era conhecer e iniciar o mapeamento da aldeia.

ii. atividades

Na manhã do sábado dia 07 de maio de 2022, visitamos a *Tekoa Takuaty* para fazer o reconhecimento da aldeia. Fomos em uma pequena equipe de arquitetos e estudantes envolvidos com pesquisa sobre arquitetura indígena, professores do departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFPR e arquitetos do

Museu Paranaense, totalizando 10 pessoas. O objetivo da visita era mapear o território ocupado pela Tekoa e abrir o canal de comunicação direto entre pesquisadores e indígenas.

Nosso ponto de encontro foi o Centro Politécnico e partimos logo cedo, perto das 07:30h. Chegamos em Paranaguá antes das 09h e logo embarcamos no barco do seu Alaor, barqueiro responsável pela maior parte dos deslocamentos até a Ilha da Cotinga, seja na aldeia Tekoa Takuaty, seja na Tekoa Pindoty. A viagem é curta e desembarcamos na entrada mais afastada da aldeia, pois a maré não estava alta o suficiente para entrarmos pelo mangue. Eu guiei o grupo pela trilha até encontrarmos o Flávio *Karai* na metade do trajeto; Flávio é marido da Juliana e vice-cacique da aldeia. Nos apresentamos em uma pequena clareira e começamos a visita, com Flávio nos contando a história da aldeia, explicando as edificações e falando um pouco sobre o dia-a-dia na *Tekoa*.

A *Tekoa Takuaty* foi reocupada em 2018, depois que a família de Juliana migrou da *Tekoa Pindoty* para o outro lado da ilha. Apesar da terra ser demarcada legalmente, no começo houve muito atrito com antigos ocupantes brancos, que se assentaram ilegalmente no território indígena; outro problema severo era a caça ilegal de pássaros e outros animais silvestres. Em 2019, entretanto, os ocupantes brancos abandonaram o local. Na mesma época, Flávio fala que percebeu que a caça ilegal diminuiu e os animais voltaram a aparecer de forma equilibrada.

Seguindo o trajeto, chegamos em uma encruzilhada. Em um lado, há a casa de reza, uma pequena construção de pau a pique coberta com algumas folhas de capim seco e uma lona azul. O barro que encobre a casa estava bastante seco e esfarelando em algumas áreas, era possível ver algumas crateras onde o barro havia se desprendido. Logo na frente da Casa de Reza, há uma pequena casa unifamiliar de pau-a-pique em um plano elevado. Assim como a Casa de Reza, o barro estava desgastado e seco. Seguindo em frente, temos outra encruzilhada. Entre as duas divisas, há uma casa recente, feita três semanas antes da nossa visita. Segundo Flávio, ela servirá como casa de visitas, para abrigar parentes e talvez como depósito de artes. Ao lado esquerdo, há um banheiro, a casa da Cacique e uma grande clareira, onde foi o segundo acampamento. A casa da Juliana é a maior da aldeia, com uma área externa coberta por lona, uma cozinha e a parte central da casa, com camas, sofás e uma TV. Do lado esquerdo dessa mesma encruzilhada, seguimos um caminho mais distante entre o pé de uma

encosta e a área de roça, que ainda não está preparada para o plantio deste ano. Chegamos em uma área aberta, cuja primeira instalação é a fossa de bananeira junto ao banheiro. Nessa parte, existem 3 casas, além de duas estruturas em construção. Aqui havia várias crianças e adolescentes, alguns trabalhando para aplainar uma parte do terreno. A estrutura das casas é em pau-a-pique, mas a cobertura é feita de telhas de bambu cortado e amassado. Flávio mencionou que um dos objetivos da aldeia é trocar as telhas atuais e coberturas de jerivá/capim para essas de bambu que eles mesmos produzem.

Figura 7: primeira Opy da aldeia.



Fonte: A autora, 2022.

Figura 8: nova casa construída, sem embarramento.



Fonte: A autora, 2022.

Voltando para a encruzilhada da Casa de Reza, descemos a trilha que passa do lado direito, descemos até outra área plana com 3 casas e um depósito, além das placas solares. É nessa região que a nova Casa de Reza será construída - o terreno está plano, quase preparado para as próximas fases de construção. Nesse momento, conseguimos conversar bastante com *Karai*. e acordo com o Vice-Cacique, a maior parte do dinheiro que a aldeia recebe vem da venda de artesanatos feitos com os insumos da ilha. São feitas muitas viagens para vender a produção, pois moradores de Paranaguá raramente adquirem os artesanatos e a cidade não recebe muitos turistas. Os indígenas também cuidam da própria roça,

plantando alimentos como mandioca, milho, batata doce, feijão, cana-de-açúcar, melancia, abóbora, entre outros; distribuídas pelo território, têm árvores de limão, goiaba, araçá e banana, além de jerivás e capim.

Figura 9: conversa com o vice cacique (em vermelho) com a equipe.



Fonte: A autora, 2022.

5. CONCLUSÃO E RESULTADOS FINAIS

O objetivo geral desse trabalho foi investigar a aldeia *Tekoa Takuaty* sob a ótica da pesquisa acadêmica em arquitetura e urbanismo, cruzando conhecimentos e experiências locais e pesquisa bibliográfica. A pesquisa etnográfica visa a compreensão da cultura de um grupo de pessoas pelo convívio direto. Aqui, foi abordado um pequeno fragmento da vida dos Guarani *Mbyá* na Ilha da Cotinha, especialmente na aldeia *Tekoa Takuaty*, dando ênfase nos edifícios que compõem a Aldeia. Com experiências imersivas, convivência e pesquisa, criou-se uma interpretação e contextualizou-se a organização e a estruturação da aldeia Guarani *Mbyá* Tekoa Takuaty. Por ser uma aldeia nova, fundada em 2019, não se tem material em abundância sobre sua história, sua organização política e espacial, sobre suas experiências vitais.

O trabalho atendeu as expectativas criadas, relacionando a teoria da história dos Guarani *Mbyá* com a realidade observada em uma aldeia, servindo como uma introdução ao universo particular infinitamente complexo da aldeia Tekoa Takuaty.

8. REFERÊNCIAS

ASSIS, Valéria Soares de. **DÁDIVA, MERCADORIA E PESSOA**: as trocas na Constituição Do Mundo Social Mbya-Guarani. Porto Alegre: EdipucRS, 2006. Tese: Doutorado. Orientador: Prof^a Dr^a Fonseca, Claudia Lee Williams Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/12759/000632671.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso: 05 de Junho de 2022.

BONAMIGO, Zélia. **COMUNIDADE MBYÁ-GUARANI: ECONOMIA E RELAÇÕES COM A SOCIEDADE “ATREVIDA”**. *Tellus*, vol. 8, 2008, p. 145-17, http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Comunidade_Mbya_Guarani.pdf. Accessed 05 Junho 2022.

COSTA, Tiemi Kayamori Lobato da. **CASAS, COZINHAS E PARENTES: UMA ETNOGRAFIA SOBRE POLÍTICAS DE HABITAÇÃO E MODOS DE HABITAR GUARANI**. Orientador: Prof.^a Dr.^a Ciméa Barbato Bevilaqua. 2019. Tese (Pós-Graduação em Antropologia) - UFPR, [S. l.], 2019. Disponível em: https://docs.google.com/document/d/1kvKcSX2vJoObZCJjGUxRe_X17Hh3fyuXIFy0UnFTgeU/edit?usp=sharing. Acesso em: 15 nov. 2021.

LADEIRA, Maria Inês. **ESPAÇO GEOGRÁFICO GUARANI-MBYA: SIGNIFICADO, CONSTITUIÇÃO E USO**. Eduem, 2008. Acesso: 05 Junho de 2022.

LOPES, Wilza Gomes Reis. **TAIPA DE MÃO NO BRASIL - LEVANTAMENTO E ANÁLISE DE CONSTRUÇÕES**. 1998. *ResearchGate*, https://www.researchgate.net/profile/Akemi-Ino-2/publication/34009509_Taipa_de_mao_no_Brasil_levantamento_e_analise_de_construcoes/links/5e4c78c3458515072da88e59/Taipa-de-mao-no-Brasil-levantamento-e-analise-de-construcoes.pdf. Acesso: 05 Junho de 2022.

MAYER, Naomi. **“ENQUANTO EXISTIR O AVAXI, VÃO EXISTIR OS GUARANI”**: CULINÁRIA, TERRITÓRIO E POLÍTICA MBYA EM TEKOA TAKUATY. Orientador: Prof. Dr. Ricardo Cid Fernandes. 2021. Dissertação de Mestrado (Mestrado em

Antropologia e Arqueologia) - Universidade Federal do Paraná, [S. l.], 2021. Disponível em:

<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/74354/R%20-%20D%20-%20NAO MI%20MAYER.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 set. 2022.

MENEZES, Ana Luisa Teixeira de; RICHTER, Sandra Regina Simonis. **INFÂNCIA E EDUCAÇÃO GUARANI: PARA NÃO ESQUECER A PALAVRA**. Revista Tellus, [s. l.], n. 26, p. 101-118, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://www.tellus.ucdb.br/tellus/article/view/298/319>. Acesso em: 15 nov. 2021.

NATALINO, Luiza. **IMPLANTAÇÃO DE TECNOLOGIA DESCENTRALIZADA DE TRATAMENTO DE EFLUENTES PARA COMUNIDADE TRADICIONAL DO MUNICÍPIO DE PARANAGUÁ** - PR. Orientador: Prof^a. Dr^a Ana Flavia Locateli Godoi. 2021. Dissertação (Pós-Graduação em Engenharia Ambiental) - Universidade Federal do Paraná, [S. l.], 2021. Disponível em: <https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/trabalhoConclusaoWS?idpessoal=84027&idprograma=40001016075P3&anobase=2021&idtc=3>. Acesso em 15 set. 2022.

TERRA Indígena Ilha da Cotinga. [S. l.]. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3942>. Acesso em: 15 set. 2022.

VIEIRA, Itamar. BET – Bacia de Evapotranspiração. Portal de Saúde do Governo do Paraná, 16 out. 2010. Disponível em: https://www.saude.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2020-04/baciadeevotranspiracaobet.pdf. Acesso em: 15 set. 2022.